

V I S ã O

Passava por mim, mas não via. Olhava para mim, mas não me enchergava. Batia em mim, mas não virava cara atrás. Até que um dia parou, olhou-me, viu-me claramente de alto a baixo, tomou conhecimento da minha existência. Quem era, nem sei dizer. Era um vulto impreciso, nem homem, nem mulher. Parecia antes um fantasma andando a êsmo como que sem destino, despreocupadamente. Mas viu-me, parou a sua marcha e veio atrás de mim vagamente, cautelosamente.

Quem era, não sei dizer. Espécie de alma errante, espécie de fumaça, espécie de sonho, achegou-se e não disse nada. Era bonita, no entanto, na sua apresentação fugidia, e térea, despreendendo um perfume de sutis essências que me embriagaram o espírito. Eu a vi, eu a senti. Mas foi rápido o tempo que a tive em minha companhia. Deu-me ânsia de amor, horas de ternura, lembranças de passados remotos que então vivamente surgiram na minha mente inebriada.

Tudo passou. Correram céleres os instantes, os minutos que o relógio do tempo marcou em ritmo vertiginoso. E eu vi que se distanciava com aqueles mesmos passos. Caminhava *meio a* fileiras de rosas sem espinhos, sob os raios de um sol faiscante.

Eu no entanto, senti escurecer o horizonte, foram-se a luz, o perfume, a ternura, as lembranças. Ficou apenas a saudade gemendo como acordes de um violão solitário na noite sem lua. Ficou a voz do trovador cantando suas mágoas, chorando um amor impossível.

Deixei-me cair também em pranto, deixei-me ficar só na rua deserta. A felicidade dura pouco, passa sem nos ver, sem nós enxergar, até que um dia nos bate à porta ou nos dá o braço no meio do caminho. Mas vive só um momento ao nosso lado. Precisa atender a outros que a procuram. Ela se foi estrada a fora. Eu fiquei rezando para que voltasse. Não creio ser feliz, feliz mesmo só uma vez na vida.